

O SR. PRESIDENTE - LUIZ TURCO - PT - Tem a palavra o nobre deputado Edson Giriboni. (Pausa.) Tem a palavra o nobre deputado Teonílio Barba, em permuta ao deputado Luiz Fernando.

O SR. TEONILIO BARBA - PT - SEM REVISÃO DO ORADOR - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, cidadãos que nos acompanham pela TV Alesp, funcionárias e funcionários desta Casa.

Quero agradecer o deputado Luiz Fernando por ter feito a permuta do tempo comigo.

Também quero declarar a minha solidariedade às cidades naquela região de Itapevi, Franco da Rocha, Francisco Morato e Itatiba, que passaram por esse clima da natureza. Tenho solidariedade ao povo dessas cidades.

Sr. Presidente, gostaria de debater o que V. Exa. falou no pequeno expediente sobre as coisas perigosas que estão acontecendo no nosso País. Sexta-feira nós tínhamos uma reunião marcada na sede regional dos metalúrgicos do ABC, em Diadema, para fazer um ato de apoio e de solidariedade ao companheiro José de Felipe Júnior e ao presidente Lula.

Era uma reunião de militantes do Movimento Moradia, do Movimento Sindical, militantes do Movimento Negro, militantes da juventude, militantes do GLBT, militantes do Partido dos Trabalhadores, que há 36 anos iniciou uma luta histórica neste País para construir um instrumento que representasse os interesses desses setores que sempre foram marginalizados, sempre foram excluídos.

Para a nossa surpresa, entre 7 horas e 40 minutos e oito horas, quando estávamos montando a mesa de debates, chegou uma viatura com dois policiais: o tenente Marinho e o soldado Ricardo. Chegaram ao portão do sindicato, falaram com o porteiro. Tinham a informação de que haveria uma manifestação de rua e queriam saber onde seria.

O Art. 5º da Constituição garante, desde 1988, fazer reuniões em qualquer local fechado, o que não era permitido durante os anos de chumbo da ditadura. O porteiro ouviu e disse que não havia nenhuma manifestação no local. Em frente à sede regional do sindicato, a Rua Encarnação estava vazia porque todos que chegavam iam subindo para o segundo andar, onde se realizaria a plenária para debater, fazer o ato de solidariedade.

O tenente disse que gostaria de falar com um dos responsáveis pela organização da reunião. Enquanto o porteiro subia ao segundo andar para chamar um dos responsáveis, o tenente subiu com o soldado com uma metralhadora na mão, numa plenária que tinha cerca de 800 pessoas.

Com os ânimos acirrados que estamos vivendo das pessoas que são contra a presidente Dilma, contra o PT - meu partido, ao qual tenho a honra e o orgulho de pertencer; agradeço ao PT por me receber nessa instituição de luta. Como dizia, com o ambiente acirrado com relação ao ex-presidente Lula, apoiado por parte da grande mídia, liderado pelas organizações Globo, é um momento perigoso. Sobre um tenente de ronda de rua com um soldado com uma metralhadora em local que tem 700 pessoas.

Ainda bem que conseguimos interceptá-los na escada, conduzindo-os até uma sala. Queríamos saber o que eles queriam ali. Eles diziam que tinham um escritório informando que haveria uma manifestação. Mas onde estava o escritório? Não existia escritório. Vocês têm mandado para vir ao sindicato? Não, não temos mandado.

O tenente da Polícia Militar tem que estar preparado para, quando chegar em um lugar onde se diz que vai haver manifestação de rua e não tem ninguém, presumir que ali não haverá nenhum ato. Se ele quiser falar com um dos responsáveis do sindicato, um diretor, um coordenador, tem que aguardar do portão do sindicato para fora porque não pode invadir local privado depois das seis horas, mesmo se tiver mandado. Se ele tivesse um mandado, teria que aguardar até que alguém chamasse um dos responsáveis.

Quero, desde já, me solidarizar com o PCdoB, com a UNE, que também teve a sua sede pichada; o diretório do Partido dos Trabalhadores foi pichado. Em julho do ano passado, uma bomba caseira foi atirada no Instituto Lula e até hoje os fatos não foram apurados.

Hoje, estivemos com o presidente nacional da CUT; três sedes regionais da CUT foram atacadas. Estivemos com o secretário de Segurança Pública, que nos recebeu garantindo que vai fazer as apurações o mais rápido possível, companheira Ana do Carmo. Precisamos tomar muito cuidado, porque o golpe de 64 começou assim. Começou exatamente com os militares invadindo reuniões, começou exatamente com os militares entrando em instituições, começou exatamente com os militares ocupando redação de jornais. Então quero me dirigir diretamente ao senhor governador Geraldo Alckmin e ao secretário de Segurança Pública.

Nós iremos fazer uma manifestação na Av. Paulista no dia 18 e queremos as mesmas garantias que foram dadas a quem se manifestou contra a Presidenta Dilma, contra o ex-presidente Lula e contra o PT no domingo, manifestação democrática, legítima e que respeito porque não quero voltar a viver o estado de exceção - tenho certeza de que ninguém aqui quer.

Quero também me dirigir à grande mídia.

Espero que eles também divulguem na mesma intensidade a manifestação do dia 18, como fizeram nas últimas três semanas em relação à manifestação do dia 13 praticamente convocando o ato na Paulista. Queremos o mesmo tratamento dado à manifestação de domingo. Não queremos que a mídia nos trate melhor, mas também não queremos que nos trate pior, porque é o que tem feito essa mídia.

Obtivemos do secretário hoje a garantia de que teremos toda a segurança dada ao ato de domingo para o nosso ato na sexta-feira a partir das 16 horas, com concentração no vão do Masp, depois descendo a Consolação, seguindo até a Praça da República.

Esperamos que a Polícia não tenha o mesmo comportamento que adotou dia 11 sexta-feira no sindicato. Esperamos que a Polícia e o comandante na região do ABC, o Cortés, não permita o comportamento do dia 4 de março em frente à residência do Presidente Lula quando um tenente - infelizmente não tenho o seu nome - a todo momento que via uma movimentação, puxava a arma, o spray de pimenta ou a bomba de fumaça para dispersar os manifestantes. Eu e a companheira Ana do Carmo estávamos lá, conversamos com o comandante até que um dado momento ele percebeu que esse tenente poderia causar uma tragédia e mandou recolher para outra atividade.

Espero que o comandante da Polícia Militar de São Paulo pare de partidarizar os atos porque no ano passado, em uma atividade na Av. Paulista no dia 15 de março, ele anunciava que havia um milhão e 800, depois recuou para um milhão e 400, depois para um milhão. Ficou em um milhão e depois o Datafolha deu 270 mil pessoas.

A tarefa da Polícia Militar, das Forças de Segurança Pública, não é partidarizar. É garantir a segurança de quem for à rua se manifestar.

Para finalizar, Sr. Presidente, quero agradecer a presença de V. Exa. na sexta-feira juntamente conosco, do deputado Luiz Fernando e do deputado federal Vicentinho. Poderia ocorrer uma tragédia dentro do nosso sindicato porque se 30 ou 40 pessoas vão para cima de quem está armado, a pessoa não teria a mesma consciência que teve aquele comandante da Polícia que numa manifestação, se não me engano em 2013 ou 2014, sentindo que seria agredido, tirou a arma do coldre e a empunhou para cima para mostrar que não queria atirar em ninguém. Então um policial com uma metralhadora no meio de 700 pessoas pode querer atirar e aí muita gente iria morrer.

Estou chamando a atenção, dirigindo-me ao comandante da Polícia, que tem que preparar melhor seus comandados.

Muito obrigado, Sr. Presidente e Srs. Deputados.

O SR. TEONILIO BARBA - PT - PARA COMUNICAÇÃO - Sr. Presidente, é lamentável o que aconteceu aqui semana passada. No debate da sessão extraordinária de terça-feira, onde deveríamos discutir as questões políticas, comemorar e homenagear o dia internacional de luta das mulheres, acabou havendo uma situação muito acirrada, na qual o companheiro João Paulo Rillo foi extremamente atacado, chamado para sair no braço pelo Coronel Telhada.

Eu quero me solidarizar com V. Exa., deputado João Paulo Rillo, porque parece que editaram um vídeo daquela situação, fazendo parecer que o deputado João Paulo Rillo estava chamando o Coronel Telhada para sair na porrada, e isso não é verdadeiro.

Quem, debatendo com João Paulo Rillo, disse que João Paulo Rillo perdia para ele, tanto no debate quanto no braço, foi exatamente o Coronel Telhada.

Então, aqui, não estou discutindo nem brigando com o Telhada; minha tarefa aqui é me solidarizar com V. Exa., deputado João Paulo Rillo, porque eu sei o que está ocorrendo na sua região. Eu tenho recebido informações desse videozinho que está rolando no Whatsapp.

A casa do seu pai está sofrendo ameaças, a sua casa também. Então, acho que vocês têm que fazer denúncia sobre isso e pedir garantias de segurança do estado de São Paulo.

Então, minha solidariedade a V. Exa. e a toda sua família. Muito obrigado.

A SRA. ANA DO CARMO - PT - PARA RECLAMAÇÃO - Quero também me solidarizar com o deputado João Paulo Rillo. Eu estava chegando aqui no momento em que o deputado Rillo estava discursando. Eu estava atendendo uma pessoa lá em cima, mas estava ouvindo.

O deputado estava fazendo seu pronunciamento normalmente e foi de fato agredido. Houve um bate-boca, mas o deputado João Paulo Rillo em nenhum momento chamou o deputado para sair no braço. Ele estava fazendo sua fala de debate político democraticamente, como é normal.

Quero expressar minha solidariedade e dizer que eu ouvi e não houve, de fato, nada disso. Hoje infelizmente você monta praticamente quase o que quer e joga nessas redes. O deputado João Paulo Rillo tem toda a nossa solidariedade e todo o respeito. Ele sabe muito bem do que acontece nesta Casa.

O SR. PRESIDENTE - LUIZ TURCO - PT - Tem a palavra o nobre deputado João Paulo Rillo.

O SR. JOÃO PAULO RILLO - PT - SEM REVISÃO DO ORADOR - Sr. Presidente, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, telespectador da TV Alesp, visitantes, funcionários desta Casa, agradeço a manifestação de solidariedade do deputado Barba e da deputada Ana do Carmo.

Aproveito para prestar minha solidariedade aos companheiros trabalhadores, metalúrgicos, militantes do PT, da esquerda, da juventude, que se manifestavam de uma maneira extremamente saudável dentro da sede do sindicato dos metalúrgicos de Diadema quando foram surpreendidos pela presença da Polícia Militar de uma forma intimidadora e extremamente perigosa.

Vivemos momentos terríveis, uma conjuntura que não estava no script. O País passou por um processo de redemocratização, de amadurecimento da democracia, com um governo popular e progressista que desenvolveu o Brasil, criou acessos, diminuiu a desigualdade, aumentou a participação popular nas conferências nacionais de Saúde, de Cultura, de Educação e de combate à fome e à miséria. Quem poderia imaginar que o País, depois de um governo que fez tantas coisas importantes, pudesse passar por uma situação tão ruim como a que estamos vivendo hoje.

Semana passada, deputado Luiz Turco, eu prestava uma homenagem às mulheres no dia oito de março, e ao final da minha fala fui interrompido de maneira muito desagradável pelo deputado Coronel Telhada. A partir dessa interrupção não regimental, passamos a discutir. Foi uma discussão muito dura. Vim aqui fazer a defesa da bancada do PT e da democracia. E vim dizer ao Coronel Telhada que seu comportamento na sexta-feira, quando tentaram prender o presidente Lula, foi atípico. Nunca vi na Assembleia ninguém atacar alguém, um partido ou um conjunto de pessoas como nós fomos atacados. Coronel Telhada faltou com a verdade quando retornou à tribuna dizendo que o chamei para a briga. Ele criou uma situação irreal, obviamente, para tentar dialogar melhor com sua base eleitoral e com aqueles que compartilham de seu pensamento.

Devo dizer, Sr. Presidente, que tenho 23 anos de militância política. Estou no meu terceiro mandato legislativo: fui vereador em São José do Rio Preto e agora fui reeleito deputado estadual. E jamais chamei quem quer que fosse para a briga. Jamais fui às vias de fato. Sou um homem de ideias claras e debateo as coisas de maneira muito direta; faz parte de minha personalidade. Mas jamais chamei alguém para a briga. Portanto, não faz parte de minha biografia a violência. Já o Coronel Telhada tem outra história. Lamentavelmente, alguém - não sei se foi ele, sua assessoria ou algum fã - editou o vídeo de modo a colocar apenas a palavra dele dizendo que o chamei para o confronto, o que não é verdade. Esse vídeo, dentro dessa atmosfera política pesada que estamos vivendo, serviu para inflamar ainda mais essa turba delirante e irresponsável de pequenos fascistas que tentam nos intimidar agora. Tentam aproveitar essa onda muito bem planejada por uma elite egoísta, que não suporta mais ver a representação do povo no poder e fica estimulando atos de violência e intimidação.

Na minha cidade de São José do Rio Preto, estava agendada uma manifestação para domingo. Na madrugada, recebi mensagens; me incluíram em grupos de Whatsapp, passando a me intimidar e ofender, e anunciando uma manifestação em frente à casa de meu pai. Como aposto que a democracia brasileira vai continuar e vai se fortalecer cada vez mais, e como aposto no Estado de Direito, obviamente não parti para uma saída bárbara, como a de tirar satisfação com quem quer que seja. Dirigi-me à delegacia com dois advogados e registrei um boletim de ocorrência. Logo pela manhã, comuniquéi-me com a coronel Helena dos Santos Reis, que rapidamente agiu, deslocando ronda para a frente da casa do meu pai. Ela deve ter tomado iniciativas que desmobilizaram essa manifestação, que não era manifestação livre, de contestação, mas de provocação. Não sabíamos a que ponto poderia chegar. Aqui, já houve críticas à pequena parte da polícia que tem tomado iniciativas perigosas, mas quero aproveitar para fazer um agradecimento, um reconhecimento público da retidão, da sensibilidade e da forma correta como a coronel Helena dos Santos Reis agiu. Isso prova que nós estamos vivendo um momento difícil, mas que não há nenhuma arquitetura de golpe à força - apenas pessoas que, na verdade, carregam dentro de si a violência, a arrogância, o preconceito, e colocam isso para fora nesses momentos. Porém, a coronel Helena, do 5º Comando Policial do Interior, de São José do Rio Preto, provou que não há nenhuma conspiração militar de golpe neste País e agiu corretamente. Aqui, eu presto o meu reconhecimento público a esse gesto tão importante em um momento como este.

Falo àqueles que ainda insistem. Hoje, corre no WhatsApp que está sendo chamada uma manifestação em frente à casa dos meus pais, na gloriosa Rua Floriano Peixoto, 467. É uma rua de pedra, onde passei a minha infância e a minha adolescência. Tenho uma relação, uma memória afetiva com aquele lugar. Está sendo chamada uma manifestação às seis e meia da tarde, uma manifestação contra a nomeação do presidente Lula. Vemos o ímpeto autoritário que se coloca neste momento.

Nós conversamos, já, calmamente, com a direção do PT de Rio Preto, com meus pais, e tomamos a seguinte decisão: olhem, o grito, o choro é livre. A rua é pública. Então, nossos companheiros de partido, nossos vizinhos amigos, aqueles que reconhecem no vereador Marco Rillo, meu pai, o homem que

mais combateu a corrupção, com coragem, em São José do Rio Preto, irão até a minha casa, ficar dentro da minha casa, prestando solidariedade à minha família, enquanto a turba delirante, arrogante, preconceituosa e autoritária faça o que quiser. Atrapalhe a vizinhança. Atrapalhe o trânsito e chore à vontade na manifestação. Obviamente, vamos comunicar, mais uma vez, o comando da polícia, para que garanta o mínimo de civildade.

Meus queridos, vocês que perderam a eleição em 2002, em 2006, em 2010, em 2014 - e, se não houver golpe neste País, perderão a eleição em 2018 -, chorem à vontade. O choro é livre. Então, será uma satisfação recebê-los à Rua Floriano Peixoto, para que vocês exercitem essa insanidade de provocação gratuita àqueles que sempre trabalharam com honestidade pela cidade de São José do Rio Preto e sempre combateram a corrupção.

Faz parte da minha história e da história do meu pai, o combate à corrupção. Faz parte da história da minha família, das minhas irmãs, da minha mãe, das minhas tias, dos meus primos, a militância na esquerda, no campo popular. Ao lado da casa do meu pai moram minhas tias, com mais de 70 anos, dedicadas, também, ao trabalho, à honestidade, a uma vida digna, que serão perturbadas, provavelmente, por esses apaixonados pelo combate à corrupção.

Esses apaixonados pelo combate à corrupção são tão desinformados que não sabem que este deputado é autor de mais de 30 representações contra o Governo do Estado por corrupção. Não sabem que este deputado, juntamente com a bancada do PT, agora luta bravamente para aprovar a CPI da merenda, o merendão tucano. Não sabem que este deputado, juntamente com a bancada do PT e a bancada de oposição do PSOL e do PCdoB, formulou vários requerimentos de convocação daqueles que são acusados de roubar merenda de crianças.

Sabem o que aconteceu hoje? O deputado Roberto Engler, representante do PSDB, pediu vistas de todos os requerimentos - ou seja, utilizou da obstrução. É óbvio que é regimental. É um direito do deputado pedir vistas do requerimento. Entretanto, S. Exa. não pediu para analisar melhor. Sua Excelência pediu porque o PSDB é um partido hipócrita, corrupto, que rouba crianças, que rouba trabalhadores, que rouba o estado de São Paulo e não quer ser investigado.

É um partido muito bom para atirar tijolo na janela dos outros, mas quando é para expor as suas fissuras, as suas indecências, eles blindam suas casas nojentas e corruptas com uma grande fachada de aço - que é o que eles fazem aqui na Assembleia Legislativa. Portanto, cambada de hipócritas, cambada de corruptos, para de atirar pedra na janela dos outros e vê se limpa um pouco essa Casa corrupta e indecente que é o PSDB.

O SR. LUIZ FERNANDO MACHADO - PSDB - PARA COMUNICAÇÃO - Sr. Presidente em exercício, nobre deputado Luiz Turco, Srs. Deputados, Sras. Deputadas, quero dizer que ouvi atentamente os pronunciamentos que aqui foram feitos pelo deputado Teonílio Barba, deputado que com absoluta consciência faz as suas manifestações, sem nenhum tipo de agressão, sem nenhum tipo de falas que sejam em caráter mais exaltado, mesmo porque o pedido que ele fez foi para que nós pacificamente caminhássemos aqui para discussões políticas mais responsáveis.

Sr. Presidente, o que me traz aqui é somente o incômodo de sempre ver o nome do Coronel Telhada sendo exposto sem a presença dele. Como ele hoje aqui não está, eu vejo pelo painel do plenário da Assembleia Legislativa que o deputado está licenciado, eu quero dizer que acompanhei todo o discurso aqui na semana próxima passada, e houve sim, por parte do deputado João Paulo Rillo, o termo de incitar a violência quando na sua própria fala fez o que fez aqui agora no final das suas considerações.

Quero dizer mais, Sr. Presidente, que quando nós citamos o respeito, o apreço, o zelo pela democracia é importante que nós, efetivamente, façamos o cumprimento desse zelo que nós dizemos de tempo, mas por muitas vezes na nossa essência, na essência de muitos que falam esse zelo não existe.

As manifestações ocorridas no domingo próximo passado, que acompanhamos pelos jornais, enfim quem esteve presente na Paulista, são manifestações da sociedade.

As instituições que são aqui citadas e defendidas são as mesmas instituições que por muitas vezes são criticadas, atacadas, aviltadas pelo ímpeto de alguns. O mesmo deputado que ataca a instituição Polícia Militar é o mesmo deputado no momento da tensão que liga para esses mesmos homens para zelar pela segurança da sua casa, da sua família.

O que por muitas vezes eu percebo é que a irritação que causa é que as instituições são agredidas. A instituição Polícia Militar é composta por pessoas, e alguns falham, outros não falham. Mas não é cabível, nem tampouco compreensível, Sr. Presidente, é que façamos ataque às instituições. E o que fez aqui os deputados, especialmente o deputado que me precede na fala, foi exatamente um ataque gratuito a uma instituição que é a Polícia Militar e isso feito de maneira recorrente.

Outro ponto é quando o colega cita o PSDB como responsável por esquemas de corrupção é sempre uma fala vazia, uma fala evasiva, sem nenhum conteúdo claro de que necessita ser feito por esta Casa apreciações que não são feitas. Aqui nós fazemos sim as nossas considerações, as nossas manifestações, as nossas investigações, os nossos requerimentos e eles são respondidos.

Sr. Presidente, quero concluir pedindo este mesmo ímpeto com relação a um senador da República, senador pelo estado de São Paulo pego numa gravação tentando subornar aquele que estava às vésperas de uma delação premiada. Então, é natural que o calor da discussão política, o calor das manifestações partidárias nos faça muitas vezes perder a razão. Mas nós podemos perder é a vergonha na cara. E perder a vergonha na cara significa exatamente querer nivelar por baixo todos que por muitas vezes não estão no mesmo nível. Eu sempre digo: não me meça pela sua régua. Se meça pela sua régua, mas não me meça pela sua régua.

Aquele que foi aqui colocado eu quero claramente dizer que não aceito enquanto crítica ao PSDB. O PSDB não está sendo denunciado como uma organização criminoso, diferentemente de outros partidos, que têm excelentes pessoas em seus quadros. A semana próxima passada eu disse aqui isso. Estava cheio de pessoas que trabalham na assessoria do PT e eu disse isso claramente. Aquelas pessoas são honestas, aquelas pessoas são de bem, aquelas pessoas efetivamente batalharam e lutaram para construir um partido na defesa da ética, da moral, dos bons costumes. Mas, infelizmente, alguns dirigentes partidários transformaram esse partido, parte dele, parte dos seus membros, efetivamente, transformaram-no naquilo que hoje a sociedade conhece. E o pior Sr. Presidente, conhece não pela denúncia dos seus pares, mas efetivamente pelo reconhecimento daqueles que participaram dos atos de corrupção. Quem iniciou o processo da delação premiada foi o Paulo Roberto Costa, que claramente ensinou ao País como era o procedimento de divisão de recursos dentro de uma estatal chamada Petrobras, mas isso não foi dito pelos partidos de oposição.

Fiquei quatro anos na Comissão de Minas e Energia da Câmara Federal, trabalhando sobre o aspecto de Pasadena, e jamais fui irresponsável, mas quem efetivamente hoje desvende o que acontece no País, aqueles que deixam o rei nu, são os próprios que lá participaram. Há um esquecimento de que o senador Delcídio do Amaral é hoje senador do PT?

O que está acontecendo é algo muito grave, assim como é muito grave convocar manifestações para a porta da casa do pai do deputado João Paulo Rillo. Quem faz isso é um irresponsável. Que façam manifestações onde quiserem, mas não há cabimento em fazer isso na casa de um parlamentar ou de sua família. Contudo, querer dizer que o PSDB é responsável pela inclusão do PT nesse escândalo hoje nacionalmente conhecido é, no mínimo, falta de conhecimento ou absoluta paixão para defender o indefensável.

O SR. LUIZ FERNANDO MACHADO - PSDB - PELO ART. 82 - Hoje o senador Delcídio do Amaral, em todas as redes do País, mostrou uma fita em que está gravada a palavra do ministro Aloizio Mercadante, senador da República e ministro da Educação. Na qualidade de ministro da Educação, ele tentou obstruir o andamento da Justiça. Além disso, a decisão tomada pelo relator da Lava-Jato, ministro Teori Zavascki, no momento em que se concedeu a prisão ao senador Delcídio Amaral, foi por obstrução à Justiça, por obstrução de um processo judicial. Ele agora se vê exatamente na mesma raia daquele que foi preso recentemente e hoje delata.

É preciso tomar cuidado. Quando defendemos, na teoria, a democracia, precisamos entender que a democracia é constituída por cidadãos de bem e instituições que funcionem. Hoje, nossas instituições estão funcionando em todas as esferas, não somente na esfera federal.

Aliás, diga-se de passagem, quem iniciou essa discussão da merenda, da cota que foi estabelecida pelo governo federal e deveria ser cobrada das cooperativas, foi a polícia de São Paulo, foi o Ministério Público de São Paulo. Ninguém questionou a qualidade e a condução do Ministério Público nesse caso, mas, quando é com relação às obrigações do PT, o Sérgio Moro é um irresponsável, a Polícia Federal funciona somente para um lado, o Judiciário está tomado por tucanos.

Portanto, é preciso entender o que é efetivamente a defesa da democracia. Aquele que faz a defesa da democracia é o mesmo que ataca as instituições, o Parlamento, a Polícia Militar, a condução do Judiciário, o Supremo Tribunal Federal. Que democracia é essa, se não tivermos instituições que sejam fortes, Sr. Presidente?

Não há democracia com "tititi". O que há é vontade clara de poder estabelecer o aparecimento político, são esses gestos dos gritos, das falas robustas na defesa das instituições. Contudo, quando as instituições agem, elas não servem, porque combatem exatamente aqueles que estão no seio do partido de V. Exas., o qual, volto a dizer, é composto por pessoas de bem.

Escuto atentamente os pronunciamentos do deputado Teonílio Barba. Eu não tinha dúvida de que, depois do ocorrido na sede do sindicato, ele faria suas manifestações nesta Casa. E aceitamos isso, porque é legítimo que ele o faça. Ele é alguém que construiu sua vida na base sindical, que construiu sua história na representação do trabalhador, e não pode ser contestado, precisa ser, sim, respeitado em suas falas.

O que está me causando absoluta estranheza é que, toda vez que o discurso da democracia é feito, ele é, na sequência, um discurso de ataque às nossas instituições, de ataque ao Parlamento. Sabem que há mais de 15 CPIs a serem instaladas antes daquelas que entrarem neste momento na fila, mas o discurso é fácil. É um discurso de jogar um contra os outros, pessoalizando a discussão.

Sr. Presidente, fico assustado com o nível de pessoalização que há na política deste Parlamento. É um apontando o dedo para o outro. Isso não pode, não estamos nesse momento. Precisamos pacificar as nossas discussões. Essa pacificação não se faz com críticas daqueles que atacam a democracia e as instituições, não respeitando as decisões da própria Justiça.

Eu tenho uma avaliação em relação aos processos da Lava Jato que ocorreram nas últimas semanas. Eu tenho uma avaliação pessoal, mas o quadro político que tenho na minha cabeça - enquanto democrata que sou - é o seguinte: se não tivermos a capacidade de respeitar as instituições, se não tivermos a capacidade de respeitar aqueles que trabalham ao nosso lado, fica muito difícil olhar para o eleitor e dizer que temos respeito por ele. Respeitar o eleitor é respeitar efetivamente as instituições que os representam.

Sr. Presidente, muito obrigado.

O SR. JOÃO PAULO RILLO - PT - PARA COMUNICAÇÃO - Sr. Presidente, foi mencionado aqui o ataque às instituições que trabalham e que funcionam. Disseram que é necessário respeitá-las. É uma contradição imensa. O ministro Aloizio Mercadante - ele não é mais senador da República, já foi, mas não é mais - já foi condenado pelo deputado que me antecedeu. Só faltou ele dizer, na sentença, quantos anos de prisão.

O Aloizio Mercadante deu uma coletiva agora e esclareceu todas as dúvidas. Essa ansiedade de destruir o PT acaba levando as pessoas a cometerem erros graves e incoerências muito grandes, como o que acontece na Casa.

A minha pergunta é simples: se o PSDB é um santuário, por que os deputados do PSDB não assinam as CPIs? Por que não assinam a CPI da Merenda, do Trensalaço, da FDE e da Sabesp? Por que os deputados do PSDB estão blindando a convocação de agentes públicos nas comissões?

Podem falar o que quiserem. Podem vir aqui com esse "blá, blá, blá". A verdade é uma só: os deputados do PSDB da Assembleia Legislativa de São Paulo são omissos, não têm a coragem de investigar e de cumprir um papel constitucional para o qual foram eleitos, isto é, investigar todos os indícios de corrupção no Estado e no governo de São Paulo.

O deputado que me antecedeu, por exemplo, não assinou nenhuma das CPIs que propomos. Ele não assinou nenhum requerimento de convocação. São instrumentos legítimos. É estranho porque, em Brasília, o PSDB lança mão de todos os recursos institucionais e constitucionais que um deputado federal ou um senador tem. Na Assembleia Legislativa, isso é proibido.

Sr. Presidente, só gostaria de registrar essa incoerência e essa ansiedade que faz mal. Ele tem que parar de expedir sentenças sobre pessoas, acabando com reputações. Caso contrário, nós seríamos muito incoerentes. Perde de um lado, mas não do outro. Com uma mão faz uma coisa e com outra mão faz outra.

O SR. JOOJI HATO - PMDB - Sr. Presidente, peço a palavra para falar pelo Art. 82, pela vice-liderança do PMDB.

O SR. PRESIDENTE - LUIZ TURCO - PT - O pedido de V. Exa. é regimental. Tem a palavra o nobre deputado Jooji Hato pelo Art. 82, pela vice-liderança do PMDB.

O SR. JOOJI HATO - PMDB - PELO ART. 82 - Sr. Presidente, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, telespectadores da TV Assembleia, estamos vivenciando um momento muito difícil em nosso País. Há uma crise social, com muito desemprego e fechamento de comércios e empresas. Os trabalhadores estão ficando desempregados.

Estamos vivenciando uma crise política sem precedentes na história. É uma crise política difícil que, somada a outros fatores, traz inquietação e preocupação a todos nós. Há pouco, estava vindo para o plenário e ouvi trovões. Vi relâmpagos através da vidraça. Preocupação: lá vem chuva.

Há poucos instantes, os colegas que me antecederam nesta tribuna fizeram várias reivindicações. Eu quero trazer aqui a minha reivindicação. Fiz um projeto enquanto vereador, dos pisos drenantes, para absorver a água das chuvas. É uma água abençoada por Deus, que frutifica e é extremamente importante para o agronegócio, para a alimentação, para a Saúde, para todos nós.

Recentemente, tivemos uma crise hídrica sem precedentes, que nos deu muita preocupação. Essa lei dos pisos drenantes, se aplicada, poderia ter possibilitado a absorção de muita água de chuva, evitando ou diminuindo muitas enchentes. Isso evitaria acidentes, desabamentos e o trabalho intenso dos bombeiros e dos agentes civis, que lutaram muito para ajudar, principalmente a população mais carente.

A população carente é a que sofre mais, porque eles moram em locais baixos, nos pantanais, nos pântanos, ou moram nas encostas, onde as casas desabam. Isso traz tristeza, traz escombros e traz morte.